

APRENDEMOS EM NACHINGWEA A EDIFICAR A ALDEIA COMUNAL DO PRESENTE



Nachingwea, Centro de Preparação Político-Militar da FRELIMO a partir de 1970, foi o primeiro laboratório da revolução moçambicana não só na batalha pela preparação de homens para libertarem a pátria como mesmo na batalha de produção. De 1970 a 1974 em Nachingwea transformada de terra seca e gretada pelo calor em pequena cidade nascida do campo, nasceu o sentido moçambicano da ideia «Contarmos Com as Nossas Próprias Forças», criou-se a partir das forças criadoras dos combatentes, o primeiro laboratório para criação das Aldeias Comuns de hoje.

O texto que aqui publicamos uma intervenção de Sérgio Vieira sobre política económica no III Congresso da FRELIMO relata detalhadamente o que foi a batalha pela criação de Nachingwea.

(...) Nachingwea era a terra seca e gretada pelo calor, a terra arrastada pelas águas violentas da estação das chuvas. Foi aí, a escassos quilómetros do Rovuma, que se instalou o nosso Centro de Preparação Político-Militar, transferido de Kongwa.

O papel de Nachingwea na preparação dos homens que libertaram a Pátria é imenso e conhecido. O papel de Nachingwea na produção é imenso mas desconhecido.

Em 1970, após a IV Sessão do CC o Camarada Presidente desencadeou a batalha de Nachingwea. De machado em punho dirigiu-nos a desbravar as matas. Ao arrancarmos algumas das gigantescas rai-

zes, por vezes encontrávamos água. Começámos ins-
truídos por si, a instalar bananeiras junto da água em
contrada. Mais tarde alargámos os poços, aprofun-
dando-os, fazendo muros com a terra retirada para
proteger as águas da sujidade. Em 1974 tínhamos
já 5 grandes lagoas que abasteciam perto de 10 000 com-
batentes. Numa das lagoas criávamos milhares de
peixes.

Mas a água que nos escasseava, perdia-se e des-
truía-nos durante as chuvas. Sob a sua direcção e
com a sua participação directa desencadeámos em
1970 a batalha para salvarmos a água, domesticar-
mos a água. Essa foi a batalha das cisternas. Em 1974



Nachingwea era a terra seca e gretada pelo calor, a terra arrastada pelas águas violentas da estação das chuvas. (...) Quando depois da vitória entregámos o nosso campo, entregámos uma pequena cidade nascida do mato



Começámos instruídos por si a instalar bananeiras junto da água encontrada. Em 1974 tínhamos já 5 grandes lagoas que abasteciam perto de 10 000 combatentes. A direita o Comandante Aurélio Manave quando em 1974 mostrava uma das lagoas ao primeiro grupo de jornalistas moçambicanos que visitou Nachingwea

dispúnhamos de 9 grandes cisternas que armazenavam cerca de 5 milhões de litros de água potável. Recolhíamos a água dos tectos das casas, salvando pois a água e impedindo também que ela arrastasse as camadas superiores do solo, aumentando a erosão.

Sofríamos em Nachingwea dos ventos que arrastavam as areias e nos asfixiavam. Em 1972 e 1973, para lutarmos contra os ventos e a erosão, começámos a plantar relva. Esta permitiu-nos também embelezar o nosso campo.

Não tínhamos fruta, não tínhamos vegetais. Muitos combatentes sofriam de falta de vitaminas por causa dessas deficiências alimentares.

Começámos então o combate pelas hortas e pelas árvores de fruta. Desbravámos uma imensa zona de

muitos hectares onde fizemos crescer tomates, alfaces, repolhos, cenouras, nabos, cebolas e inúmeras outras variedades de legumes. Plantámos milhares de árvores de fruta, mangueiras, limoeiros, laranjeiras, bananeiras. Plantámos mais de 6000 pés de anaseiros. Cobrimos centenas de hectares de milho, amendoim, feijão, milho fino, mapira.

A partir de 1973, valorizando as experiências das zonas libertadas de Cabo Delgado na criação científica de animais de capoeira. Criámos milhares de galinhas, coelhos, patos que abasteciam o campo em ovos e carne.

Nachingwea é também a urbanização do campo. Vivíamos em tendas. Em 1970 o Camarada Presidente mobilizou-nos e guiou-nos na construção de vastas casas arejadas, altas, construídas em maticado. Mais tarde ensinou-nos a rebocá-las com cimento para aumentar a duração e facilitar a limpeza. Em 1972 consigo, começámos a fabricar blocos de cimento para construirmos as nossas casas.

Quando depois da vitória entregámos o nosso campo, entregámos uma pequena cidade nascida do mato, uma cidade electrificada, uma cidade com o seu estádio desportivo, o seu teatro, as suas ruas largas e direitas, uma cidade rodeada de campos verdejantes, árvores de fruta e lagos.

Aprendemos com Nachingwea a edificar a aldeia comunal do presente.

Por esses ensinamentos agradecemos ao camarada Presidente. Aprendemos que podemos fazer milagres com as nossas mãos e inteligências, combinadas no esforço colectivo e guiadas por uma direcção correcta.

Obrigado Camarada Presidente.